

EDITORIAL

**EM TEMPOS “PANDEMÔNICOS” A NECESSÁRIA INTERLOCUÇÃO
ENTRE DEMOCRACIA E PSICANÁLISE**

*Denise Maurano
Renata Mattos-Avril
Joana Souza*

No que tange à arte ou ciência de governar a psicanálise só pode ser afeita a políticas não totalitárias, não excludentes, não genocidas, não fascistas. É apenas com essas políticas que a dimensão cidadã, da atividade de um psicanalista pode se comprometer. Pelo fundamento da livre circulação da palavra, no qual a psicanálise foi inventada e prosperou, é em defesa de políticas não totalitárias que faz sentido sua militância nos coletivos diversos nos quais ela se engaja. A abstinência na intimidade da clínica encontra como contrapartida o engajamento na atuação pública. Se assim não for, há que se desconfiar da ética em jogo. Não à toa essa prática da circulação da palavra tem afinidades com a Democracia.

Como sabemos, a Democracia é um regime político em que todos os cidadãos elegíveis participam igualmente do governo, seja de modo direto ou pela eleição de representante. Ou seja, participa das propostas, da criação e desenvolvimento de leis que organizam o funcionamento do Estado.

Por princípio, numa democracia, todos devem ser iguais perante a lei, e gozar de livre acesso às instituições, bem como ter livre direito a palavra no espaço público.

A função da livre circulação da palavra no espaço público é o instrumento principal para que todos os outros direitos sejam exercidos. Nossa condição, marcada pela função da linguagem em todos os processos de sustentação de nossa vida humana, revela bem o quanto a livre circulação da palavra é não apenas um ganho civilizatório, mas o fundamento de uma existência digna da condição humana.

A clínica psicanalítica foi criada pelo acionamento do dispositivo da palavra via a regra fundamental que é que o analisante fale o que vier a cabeça, com o mínimo de censura que lhe for possível, por mais escabroso que te pareça. Trata-se aí de pela

fala, associar livremente e trabalhar com as ressonâncias desse dizer evidenciando inclusive a expressão de conflitos existentes entre todas as diferenças que nos habitam, das mais tênues, às mais abomináveis, radicais e difíceis de serem conjugadas. A clínica opera no âmbito do privado, trabalhando com isso.

Para a democracia, a livre circulação da palavra no espaço público é condição fundamental. Mas o que é a livre circulação da palavra? Obviamente que se a circulação é livre ela não pode se restringir a meia dúzia de palavras de ordem que visem a calar a boca de outros tantos. Ela tem que poder dar espaço `a muitas vozes, certamente muitas vezes dissonantes. É por isso que ainda que a palavra seja livre, há certas palavras que são condenáveis, mesmo na democracia. Isso porque elas visam a anulação do Outro, como por exemplo no racismo. Por isso a palavra afeita ao racismo, tem que ser coibida, criminalizada. Não pode ter direito a reconhecimento no espaço público e nem vir a validar políticas de Estado. Por isso na democracia também não se trata de tolerar tudo.

Alguns poderiam também argumentar que se a palavra é livre e a verdade é sempre parcial. É sempre meia verdade. Como fica o estatuto da mentira, do fake? Será que a mentira não pode ser outra face da verdade?

E aqui, já pulamos pro caldeirão “pandemônico”, que associa a pandemia com o demônio, que aqui se apresenta como a crise política que se acentua com o atual governo que aliás, se elegeu via uma fábrica de fake News. Poderíamos ponderar, se as verdades são parciais e construídas, por que criminalizar as fake News? Será que o grande problema da notícia é ser fake, ou seu grande problema é a máquina de distribuição massiva, financiada pela corrupção? Isso sim, é injusto, indecente e ilegal? Sobretudo na medida em que essa atuação massiva cristaliza falsas verdades, manipulando a opinião pública por interesse escusos e propiciando credibilidade ao ignóbil, seja no intuito de elegê-lo como representante, seja para sustentar seu governo.

Nesse circo de horrores no qual estamos vivendo sobretudo no Brasil de hoje, realmente é difícil acreditar que ainda tenha gente para apoiar um governo no qual o presidente se presta a conturbar todos os dias, qualquer direção que seu governo tome, mesmo as que ele escolhe; no qual o ministro da Educação não tinha educação, e nem estava ocupado dela, no qual o ministro do meio ambiente se esforça por destruir o meio ambiente, no qual o ministro das relações exteriores provoca problemas

diplomáticos e comerciais para o país, no qual o ministro da justiça acompanha o presidente para atos aviltantes para a própria democracia que o elegeu, e no qual em plena pandemia com graves consequências tanto para a saúde quanto para a economia, o governo não consegue nem gerir o ministério da saúde. Mas então e daí? Vamos tomar a palavra para irmos para as ruas e redes sociais protestarmos, dizermos a que viemos, como se faz quando, num regime democrático não estamos satisfeitos? Ou será que dado a gravidade do que se anuncia pelo modus operandi desse governo, temos que não sermos ingênuos, como nos tem alertado o sociólogo Luis Eduardo Soares, sinalizando que não podemos dar munição para que o inimigo nos abata com um golpe, um golpe de Estado. Nesse momento qualquer aglomeração será motivo de eclosão da fúria contra a Democracia. Há quem pense que as ameaças de golpe apenas evidenciam a fragilidade do governo e que não corremos esse risco, mas ainda assim, em tão pouco tempo, já assistimos a estragos inimagináveis, temos que ficar atentos. Agir é imperativo, mas por outros meios. Temos que apoiar de todos os modos possíveis todas as iniciativas legais para a evidenciação de todas as falcatruas desse governo, da maneira como chegou ao poder e das consequências de sua manutenção. Os meios que temos nesse momento são pela web. Se a internet foi tão poderosa a ponto de conseguir eleger o ignóbil, será que não pode ser poderosa para destitui-lo?

Nossa revista, portanto, nesse número histórico que reuniu manifestos de psicanalistas expoentes de nossos tempos, se apresenta também como um veículo nessa guerra que se instaurou entre a defesa da circulação da palavra e a da livre expressão e a sede de poder cega que não respeita as diferenças e nem mesmo a vida.

Abrimos essa edição com a publicação em português de diversos testemunhos de psicanalistas brasileiros originalmente publicados em 2019/1 pela revista francesa *Psychologie Clinique*, número 47, sob o título “**A PSICANÁLISE NA TORMENTA: psicanalistas brasileiros testemunham**” no qual a partir da sugestão de Olivier Douville, Luiz Eduardo Prado de Oliveira, psicanalista brasileiro, radicado na França, solicitou diversos psicanalistas e amigos da psicanálise que se manifestassem a respeito dos impactos em suas clínicas desse discurso de ódio que tomou a cena brasileira.

Em seguida, Renata Mattos Avril editora responsável pela seção temática “voz, musicalidade, música, memória e psicanálise” lembrando que nesses tempos atuais,

em que estamos atravessando em todo o mundo um desafio inédito – uma pandemia que grita com toda força a falência desde sempre anunciada do sistema capitalista e seus efeitos nefastos contra a humanidade e o planeta– e, mais particularmente no Brasil, a tirania presidencial grotesca e sem limites contra os que vivem em maior precariedade e, mais que isso, contra a própria vida, é vital lembrar-mo-nos aqui da invocação estrutural e primordial do objeto voz: a de humanizar.

A função da voz, na origem do sujeito, é a de convidá-lo a advir, a escrever-se como voz na partitura polifônica que a vida cria no mundo. O que não significa fazer Uma voz. Pelo contrário: trata-se sobretudo de fazer música como sujeito e com outros sujeitos, cada um a partir da sua singularidade. Em um momento, então, em que essa música coletiva está ameaçada, em que a vida está em risco, a voz nos re-invoca à criação e a re-advirmos como sujeitos, no laço social, reinventando juntos, em ato, o mundo em que vivemos e que desejamos.

Assim, nossa seção temática se abre, desta vez, ao diálogo e a reflexões sobre a voz, o ritmo, o timbre e a música em interlocução com a musicologia e, também, oriundas da filosofia, além de trazer considerações sobre a musicalidade na constituição do sujeito e os efeitos das primeiras experiências sonoras do bebê.

Em **“La quête musicale de l’authenticité : un transfert sur l’inouï ou portrait des « baroqueux » en aventuriers du timbre perdu”**, o psicanalista Jean-Michel Vivès, que há décadas consagra suas pesquisas e construções clínico e teóricas acerca da voz, elabora de forma instigante uma análise sobre a especificidade do timbre musical e da incidência do real na música e nos sujeitos a partir da busca pela autenticidade que caracterizou o movimento musical de “redescoberta” e de reapropriação da música barroca. A inovação teórica se apresenta neste artigo na formulação em torno do que o autor denomina “transferência do inaudito”, através da qual os intérpretes da música barroca visariam trazer à cena, ou melhor, aos ouvidos, um “som novo”, ainda nunca ouvido, que, ainda assim, seria autenticamente barroco.

Haveria, portanto, uma transmissão do real da voz que se presentifica na interpretação e na escuta das obras. Dialogando com compositores, musicólogos e historiadores, Vivès nos convida a uma deliciosa viagem pelo mundo da interpretação musical, nos deixando entreouvir questões clínicas de grande pertinência, tais quais a

construção de um estilo, passando pela leitura e trabalho em torno de traços do Outro, a transmissão do real que causa o sujeito à criação, e a singularidade de cada sujeito.

Do real ruidoso do timbre, passamos a outra característica fundamental da música que tem incidências diretas no sujeito: o ritmo. No artigo “**Les rythmes de l’existence**”, a filósofa, musicista, professora e pesquisadora Véronique Verdier nos apresenta uma reflexão acerca dos ritmos da existência, do fluxo existencial em relação ao tempo e aos atos e experiências do sujeito, em consonância, dentre outros, com a filosofia de Bachelard, e com a ritmanálise de Lefebvre, que se baseia na psicanálise para buscar uma escuta dos ritmos fisiológicos e cotidianos. Tal posicionamento visaria uma escuta do corpo e das eventuais rupturas que podem se impor ao sujeito, de modo a se promover uma releitura dos ritmos que lhes são singulares, abrindo uma via de re-criação pautada no desejo.

Evocando a grande ruptura que nos afeta atualmente como sujeitos em todo o mundo, a pandemia do Covid-19, e como ela tem e terá efeitos drásticos, passando por perdas simbólicas e reais, que nos invoca a repensar e reconstruir social e politicamente os nossos laços, a autora se detem a analisar como a doença pode recolocar o sujeito num movimento de reapropriação e, mais que isso, de criação de ritmos próprios. Podemos assim, com a psicanálise, refletir a partir da leitura deste artigo sobre a possibilidade do sujeito re-efetuar o ato de separação diante do Outro, recolocando assim o movimento em três tempos do circuito pulsional da voz (ouvir, ser ouvido, se fazer ouvir) a partir da pontuação rítmica do que a autora chama de estar “à escuta do seu desejo”. A resposta pela voz ao desejo do Outro que é o sujeito se vê, assim, colocado, segundo Verdier, a “se escolher”. Ainda, a autora propõe uma reflexão filosófica sobre os tempos e ritmos da criação artística.

Voltamos à questão da voz no terceiro artigo de nossa seção, “**Articulações entre psicanálise e música: a presença da voz na constituição do sujeito**”, no qual as autoras Beatriz Alves Viana e Luciana de Carvalho Pieri abordam a fundamental questão da incidência da voz materna e da transmissão da linguagem através da musicalidade e do mais-além da significação que a materialidade e o real da voz fazem incidir no bebê. A partir de Freud e Lacan, assim como de psicanalistas da tradição lacaniana como Didier-Weil, Vivès e Bentata, bem como da leitura de músicos como Chico Buarque, Sergio Magnani, de linguistas especializados no fazer musical, como

Ernest Schurman, ou mesmo evocando o grupo Pink Floyd, as autoras nos levam a um passeio sobre o percurso analítico em torno da teoria do objeto voz.

O campo musical contribui assim, na leitura de Viana e Pieri, a melhor definir as sutilezas linguísticas entre som, sonoridade, música, fala e linguagem e em como, nesta perspectiva, a psicanálise pode se colocar à escuta do sujeito na clínica não somente a partir da incidência do objeto voz e de sua filiação no desejo do Outro quando da sua constituição, mas também a partir da singularidade do sujeito expressa em suas enunciações e nos elementos sonoro-musicais que são trazidos na e pela fala, como uma espécie de música de cada sujeito.

Prosseguindo, na seção de artigos livres, somos brindados com uma variedade de artigos que nos foram enviados por diversos autores que, sensíveis ao momento, articulam a psicanálise com a literatura, a arte e a clínica, tecendo uma gama de saberes que deliciam qualquer leitor.

Fechamos com a resenha “**Variações Santana: um percurso admirável de Nietzsche à psicanálise**”, na qual Pedro Brocco, doutor em ciências jurídicas e Sociais pela UFF-RJ, discorre de forma instigante sobre a obra “Variações do Ver: uma articulação entre a Psicanálise e Nietzsche”, de autoria de Bruno Wagner Santana, publicada em 2019 pela editora CRV, que conta com o prefácio de Denise Maurano.

Desejamos a todos uma excelente leitura!!!

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php